

Olympio Serra nasceu em Cachoeira, Bahia, em 01 de agosto do ano de 1940 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 2 de outubro de 2025. Enquanto cursava a Escola de Música da UFBA, tornou-se um líder estudantil muito ativo em todo o país: criou a Executiva Nacional de Estudantes de Arte, de que foi o primeiro e único presidente pois o golpe militar de 1964 violentou a UNE de que era parte a ENEARTE. Mais tarde Olympio se mudou para Brasília, onde foi aluno de Eduardo Galvão, que tentava implantar um curso de antropologia na UnB. Esta iniciativa foi barrada por um interventor instalado na Reitoria pela Ditadura. Olympio veio a formar-se em Biblioteconomia, mas seguiu antropólogo e integrou a ABA. Com a ajuda de Agostinho da Silva, conseguiu que fosse firmado um Convênio entre a FUNAI e a UnB para prestação de apoio aos indígenas, em especial os xinguanos. Extinto o convênio, ele foi contratado pela FUNAI, onde trabalhou por muitos anos. Visitou, então, povos indígenas de todo o Brasil, de norte a sul, empenhando-se na luta por seus direitos. Veio a ser Diretor do Parque Nacional do Xingu e nessa condição esforçou-se por colocar indígenas à frente dos postos. Foi demitido depois de se opor à redução da área do Parque e ao uso da imagem dos indígenas numa telenovela para entretenimento público, coisa proscria pela legislação. Depois de deixar a FUNAI, Olympio foi convidado por Aloysio Magalhães para assumir uma coordenação de projetos na Fundação Nacional Pró-Memória e criou o programa Etnias. Ocupou-se do resgate de documentos importantes encerrados no Museu do Índio, no Rio de Janeiro, ao tempo promovia a defesa do patrimônio cultural afro-brasileiro. Primeiro, convenceu Aloysio Magalhães de que havia uma grande lacuna na lista de bens tombados pela União: a completa ausência de qualquer monumento, qualquer obra representativa da memória dos negros brasileiros. Motivou assim a criação do Projeto de Mapeamento dos Sítios e Monumentos Negros da Bahia, desenvolvido através de um convênio entre a Pró-Memória, a Fundação Cultural do Estado da Bahia e a Prefeitura Municipal do Salvador. De saída, este projeto resultou no tombamento de um grande templo negro, o Terreiro do Engenho Velho. Mais tarde outros foram tombados como patrimônio histórico nacional, quebrando um velho tabu. Ao mesmo tempo, Olympio se empenhou numa luta pelo tombamento da Serra da Barriga, onde teve sua capital o Quilombo dos Palmares. Para isso reuniu na Pró-Memória lideranças do movimento negro de todo o país: nomes como Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Lélia Gonzales, Carlos Moura, Dulce Pereira e muitos outros. Criou, então, o Memorial Zumbi e o respectivo Conselho, em que lideranças da sociedade civil ombreavam com funcionários da União na definição de uma nova política cultural. Com este fim ele mobilizou os blocos afros e outras comunidades negras. Consumado o tombamento da Serra da Barriga, ele se empenhou ardentemente na luta para que fosse criada a Fundação Palmares. Olympio Serra se orgulhava muito de sua ligação com os povos originários. Foi adotado como filho por uma senhora Gorotire do Sul do Pará, e considerado um dos seus pelos xinguanos, que muito amava. Foi feito Ogan no Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho (Ilê Axé Iyá Nassô Oká), portanto se considerava filho também de Iyá Nassô, a nobre sacerdotisa que fundou esta Casa. Sempre se identificou com negros e indígenas e lutou por seus direitos durante toda a sua vida. Antirracista, detestava todo tipo de injustiça social. Esteve presente em muitas lutas pela democracia. Foi condecorado pelo IPHAN com a medalha Mário de Andrade.

Escrito por Ordep Serra.